

O pipoqueiro

André Resendeⁱ

Embora pudesse tirar partido de seu tipo físico e vantagens estéticas, como tanto ressaltara o dono do circo àquelas pessoas que insistiam em duvidar dos atributos, Rogo parecia, e era, indiferente ao assédio feminino. Quando chegou ao circo, Rodolfo quis saber de suas habilidades. Nenhuma, respondeu. Nenhuma é o quê?, quis saber. Rogo: nada, de nenhum jeito, em qualquer coisa. Não entendia de nada e não tinha nenhuma habilidade artística. Menino, onde está sua família?, quis saber Rodolfo. Não sei, respondeu. Por que não está na escola? Porque estou aqui, meu chefe, remendou.

Deixara a família para trás e se convencera de que a escola rodopiava demais para entrar nos assuntos. Sabia ler e escrever, mas não tinha interesse de ler ou escrever. Sentia-se aventureiro. Menino, disse Rodolfo, boa parte do melhor da vida está dentro dos livros. Fico com a outra parte, respondeu Rogo, a que está do lado de fora.

Rogo, no entanto, tinha dificuldade de aprender qualquer que fosse a atividade. Esteve na bilheteria, na cozinha, nos camarins, na limpeza dos banheiros. Não se concentrava nas tarefas. Algumas pessoas se faziam aborrecidas, mas todas eram cativadas pela beleza e pela simpatia do rapaz, que trabalhava por abrigo e comida, de acordo com a proposta, e pela aventura de passar um pouco de tempo em cada lugar. Em nossos limites, discursava Rodolfo, há vinte mil cidades para visitar. Mal chegamos, prosseguia, a quarenta lugares por ano. Temos toda uma vida se

quisermos chegar a cada uma delas. Se me lembro bem, houve um francês que insistia dizer: uma cidade nunca basta ao homem.

Foi Rodolfo quem teve a ideia de colocar uma carrocinha de pipoca antes, durante e depois do espetáculo. Descobriu, em uma das cidades, que o pipoqueiro local estava velho e cego, aposentado, mas ainda guardava, preservada, a carrocinha de pipoca. Com ela, disse o ex-pipoqueiro, pouco ganhei, mas, enfim, posso dizer que foi divertido: andei muito pelos mesmos lugares, parei muito nos mesmos lugares, fiquei esperando as pessoas nos mesmos lugares. Foi tempo suficiente para entender qualquer coisa grandiosa da vida que, infelizmente, não entendi.

Rodolfo adorava essas oportunidades de encontrar inusitados perplexos com a vida que não pôde ter porque era extrato para as longas jornadas de conversa, à noite, depois dos espetáculos, servidas com vinho. Pagou barato pela carrocinha, fez um curso rápido com o ex-pipoqueiro e saiu pela rua guiando-a, tocando a sineta. Antes de sair, o pipoqueiro falou para Rodolfo: o ideal seria encontrar alguém bonito e simpático para atrair a atenção das crianças e mulheres. Em meu tempo, disse, fiz-me o mais bonito da cidade. No caminho à instalação do circo, Rodolfo teve a inspiração: Rogo.

Desde então, do nada, Rogo foi tratado como celebridade. Rodolfo o apresentou ao público. Sua primeira atração era Rogo, o pipoqueiro. A charanga tocava, Rogo entrava, corria em círculo dentro do palco, empurrando a carrocinha, tocando a buzina de pressão. Depois de Rogo dar duas voltas no picadeiro, Rodolfo parava-o para entrevistar. Está cansado, meu bom amigo? Rogo: estou. Toda esta gente deixa você feliz? Rogo: deixa. Rogo, perguntava, você viu alguma criança bonita, hoje, que veio assistir ao espetáculo? Sim, respondia. E ela está aqui? Queria saber Rodolfo, aturdido com a gritaria das crianças e adultos. Sim, respondia Rogo. E mulheres bonitas, Rogo, você viu alguma? Rogo colocava uma mão tapando os olhos e a outra mão, dedos rígidos em movimento para cima, fazia a expressão de que vira muitas. Saía, ao som da charanga.

Antes, e depois do espetáculo, Rogo era celebridade. Dois dos palhaços passaram a ajudá-lo, enquanto conversava e tirava foto com crianças, mães. Uma polaroide fazia o serviço imediato e pago, com direito a autógrafo de Rogo.

Rodolfo passava da conta. Dizia que os estúdios cinematográficos e a televisão queriam Rogo para participar de filmes e novelas, mas ele resistia e preferia ficar perto das pessoas através do circo, paixão de vida. Rogo, o belo.

Antes de chegar a uma cidade, Rodolfo enviava um mensageiro em uma bicicleta com caixas de som à frente e atrás. Circulava a cidade anunciando a chegada do Grande Circo Austral, dirigido pelo famoso Rodolfo Marc Rothcowinzcs. Rogo, o belo, o homem mais bonito do mundo, garantia sua vinda.

De vez em quando, o mensageiro ouvia um quem são esses dois merdas? Mas estava treinado a repetir o anúncio inúmeras vezes, sem dar espaço às dúvidas. O circo entrava imperceptível na cidade, costumava acomodar-se em terrenos vazios, em geral, pertencentes ao município. Chegava final da tarde, quase noite, e, rapidamente, durante a escuridão, debaixo da luz fraca e distante, erguia a lona, tudo. De manhã, Rodolfo visitava as autoridades locais e presenteava com convites. Logo depois, a charanga entrava triunfante na cidade, anunciando o espetáculo. E confirmava a presença do famoso galã, pretendido pelo cinema e pela televisão, Rogo Splendoro, o belo, o homem mais bonito do mundo, que daria autógrafos e faria fotos ao lado da carrocinha de pipoca.

Com o sucesso, Rogo passou a receber dinheiro, como todos os artistas. Rodolfo, atento, observou que, apesar da beleza, por ele inventada e explorada, Rogo não se envolvia com as mulheres do circo, nem com nenhuma das cidades. Depois dos shows, recolhia-se e ia dormir. Antes de o circo sair da cidade, deixava parte do dinheiro no orfanato local e outra parte enviava para alguém pelo correio. Estava sem dinheiro sempre.

Qual é o problema garoto?, perguntou Rodolfo: nenhuma mulher interessa? Rogo ficava em silêncio. Meu caro, qual é sua história? Não há história, disse Rogo: sou o fim da história. Oh, por Breton e por Lacan, ressaltou Rodolfo, o grande Hegel assim disse, meu caro, assim disse o grande Hegel, mas em outro contexto. Tornei-me livre de uma história familiar, de um nome de família, foi além nas palavras. Não deveria aí, diante da liberdade, ser o fim da história? Você é um hegeliano, meu caro, pois, de tudo, o princípio da liberdade é inviolável e irrenunciável. Rogo que seja um

homem capaz de entender que esse fim da história é um sem fim, aberto, não fecha, hein?, não fecha.

Rodolfo não era de pressionar os artistas. Cada um, a seu jeito, deixava uma história e um nome de família para trás. A família, um alguém, um nome. Quando Rogo, o pipoqueiro, ressentia-se de pronunciar qualquer coisa sobre quem era, Rodolfo via uma ferida aberta ardendo, continha-se, evitando cutucar a carne exposta, crua, a letra ardendo sem gemer um nome que a definisse. Esperava a vida desistoricizada erguer-se, pois, entendia, ali compreenderia os traços que ficaram para trás, presentes. Se Rogo deixava metade do que ganhava em algum orfanato da cidade, isso poderia ser uma escolha recente, desistoricizada. Se Rogo mandava uma carta com dinheiro para algum lugar, estaria preso ou ligado ao passado, a alguém que não poderia deixar para trás sem se lembrar no presente, o nome ardendo sem gemer.

Quando transformou Rogo no pipoqueiro e no galã do circo, no belo, no homem mais bonito do mundo, Rodolfo pensou que estaria estragando o garoto. Logo se sentiria, de fato, galã, estrela. Corria o risco de, em algum momento, assediado, cantado e preferido, sentir-se, em si, o belo, o homem mais bonito do mundo. De um mundo voltado à profusão de sis e eus descolados, desejosos de suspender a vida dos demais em tributo à contemplação de suas vidas. Sem muita dificuldade, acreditaria que o cinema e a televisão estariam atrás dele. Previa horrores, uma mudança permanente no humor, envolvimento perigosos com dezenas, centenas de mulheres, quase todas mães, distintas senhoras de família que se encontrariam vulneráveis e contestadas diante aclamada beleza encontrar-se tão perto e ser ele, Rogo, um galã, um belo, um homem pronto para o estrelato, o cinema, a televisão, a vida sem história, o fim de uma história sem fim.

Nada disso ocorrera. Rogo aceitara a tarefa de galã como um ato. Fim do espetáculo, fim da cena. Não se sentia belo, nem galã, nem astro. Antes e depois do espetáculo, Rogo gostava de fazer pipoca. Em toda a vida, foi a única ocupação que aprendera com alguma destreza. Sentia-se útil. Lavava e pintava a carrocinha, cuidava do fogão interno, escolhia os flocos de milho, a manteiga, o açúcar, o sal. Melhorou a qualidade dos sacos de papel e combos. Não era um astro, era o pipoqueiro. Suas

pipocas tinham cheiro, sabor, valiam os poucos centavos que, sobretudo as crianças, pagavam.

Meu caro, precisamos conversar, disse Rodolfo. Rogo sabia que seria algum sermão, pois o bem-feitor não era homem de conversa, nem de grosserias ou palavras e frases ásperas. Seria um discurso, estaria sozinho diante dele e de uma garrafa de vinho. Recusaria o vinho durante toda a noite e suportaria o chefe destilar nomes, fatos e frases que jamais guardaria ou usaria. Vou deixar você em um carro sozinho, sentenciou Rodolfo. Chega de morar com aqueles palhaços barulhentos.

Rogo estava acostumado aos palhaços e não dormia com eles. Armava uma rede entre as traves da lona principal, distante de todos e dormia. Mas Rodolfo disse que ele ganhava como celebridade, não pegaria bem o Grande Circo Internacional Austral ser descoberto tratando seu astro, seu galã, como desabrigado. Onde há imprensa, meu caro, há vai e vem de informação, mas em cidadezinhas sem imprensa o que existe é boca-a-boca. Uma informação vai, vai, avoluma-se e nunca mais volta, nem é a mesma. Quero que as pessoas saibam que você vive e se veste melhor que todos porque você é o astro.

Uma carroça bastante usada, mas exclusiva, chegara para Rogo. Talvez um ou outro, inconfidente, tenha reclamado. Em ambientes como aquele, sem animais, prevaleciam as habilidades, o exótico, o esdrúxulo, o inacreditável. Rogo, todavia, era bonito. As pessoas, sobretudo as mulheres, iam ao circo para vê-lo. A carroça foi pintada e havia uma grande foto dele sorrindo. Bem equipada, cama, guarda-roupas, escrivaninha, televisão, banheiro interno.

Rogo agradeceu, trancou-se, foi dormir. Não se soube que sonhara naquela noite, nem se dormiu bem. Das experiências vividas sempre se pode deduzir algo que fica como resíduo incômodo até o momento em que se torna esperança. Só uma vez Rogo contou existir um sonho recorrente. Estava deitado e sentia algo voar: morcego, pássaro, cabra-cega,... Era uma barata. Entrava em desespero, sem saber como se defender, enfrentá-la. Alivia-se ao abrir os olhos, mas o incômodo ficava. A barata persistia.

Rodolfo adorava ouvir sonhos. Pouco importava se eram revelações ou premonições. Gostava da narrativa, instigava o sonhador a seguir contando. Se o

contador pedia para parar, esgotado, vazio, sem mais para dizer, Rodolfo dava seu jeito de fazer a pessoa seguir, inventando algo que não estava no sonho, não era parte do sonhado, era uma história nova, novinha, nascida ali, naquele instante. Toda vez que Rogo amanhecia silencioso, Rodolfo sabia que a barata voadora havia aparecido. Esperava, esperava, paciente, pelas primeiras palavras de Rogo, mas não era bem as palavras que vinham, eram como vinham, no tom, na intensidade.

Rogo, o belo, o homem mais bonito do mundo, de fato, era um rapaz agradável, mas, como belo, o belo que as crianças, adolescentes, solteiras e mães queriam chegar perto, era uma invenção. Mas se tornara verdade. Não havia quem duvidasse de sua beleza e, quando contestada, ouvia-se o lamento de haver quem pudesse ressentir-se e espelhar-se rejeitando ou fingindo haver a mais e melhor.

A todos que estão aqui presentes, dizia Rodolfo no penúltimo espetáculo na cidade, tenho um comunicado importante. A pessoa interessada ainda não sabe, mas não será surpresa se amanhã for seu último dia conosco. Na vida, devemos agarrar as chances. Isso significa ir para onde as oportunidades incríveis nos chamam. Podemos aceitar viver para sempre em Cabrobó, Solidão, Quixeramubim, Passa Quatro, Livramento, Ai de mim, a qualquer distância de tudo, ao mesmo tempo em que perto de todos que fazem a diferença, mas não devemos temer quando a chance nos chama. Uma grande produção cinematográfica será realizada em nosso país. Investidores internacionais, celebridades, uma história épica, ímpar, inimaginável. Apenas um de nós seria chamado. Como sabemos, somos agraciados com talentos e belezas variados, enormes, impossíveis. Mas a produção internacional queria alguém novo, uma beleza especial, inusitada, jamais imaginada. Quando soube, disse-me, mesmo reconhecendo que corria o risco de perder um dos nossos melhores amigos, não pude me acovardar. Enviei a foto dele à produção, com um testemunho de suas qualidades como ser humano e ser carismático. Com meu testemunho, seguiram fotos com dezenas, centenas, inúmeras pessoas que o reconhecem por seu brilho. Hoje, agora há pouco, antes do espetáculo, um emissário secreto da produção internacional mandou-me a seguinte mensagem: caro Rodolfo Marc Rothco, o grande mestre de cerimônias do circo mundial, agradecemos a gentileza de enviar fotos de um talento como o que estivemos à procura, acompanhadas de um testemunho

peçoal tão comovente como irradiante. Estamos felizes de termos, enfim, encontrado a pessoa que fará a diferença ao filme. Desejamos saber quando poderemos contar com a presença de Rogo Splendoro conosco. Atenciosamente, produtores internacionais associados. International Associateds Products, United States of America, Estados Unidos da América. Rogo Splendoro. Rogo Splendoro.

O público aplaudia de pé. Rodolfo pedia aos palhaços que trouxessem Rogo, sem a carrocinha de pipoca. Quando entravam, correndo, de mãos dadas com Rogo, a charanga tocava, estridente e desafinada. O público aplaudia, gente se emocionava, crianças corriam para abraçar Rogo. Você sabe o que recebi agora há pouco?, perguntava Rodolfo. Contava toda a história, mais uma vez, lia a carta, mais uma vez. Rogo, de verdade, ficava comovido, abraçava Rodolfo. Por essa não esperava, não é meu velho?, dizia. Está feliz? Rogo, comovido, dizia que sim, agradecia o carinho de Rodolfo, dos amigos do circo, das pessoas, em especial, das crianças. Rodolfo sabia que se perguntasse, ali, se ele iria, Rogo diria não, não vou, e deixaria as pessoas muito aborrecidas porque, se não todas, a maioria, se não a maioria, uma parte considerável, se não uma parte considerável, uma parcela de gente que vive, mantinha-se naquela cidade por escolhas nunca claras, nem esclarecidas, e estavam à espera de algo redentor que fosse suficiente para lhes arrebatara da vida que viviam. Dizer não era ignorar a oportunidade. Rodolfo deixava aquilo render, mas encerrava com, por favor, não vá embora hoje, nem amanhã, ainda temos muito trabalho. Promete? Prometo, dizia Rogo, ainda comovido, saía do palco, escoltado pelos palhaços até sua carrocinha de pipoca do lado de fora, sob aplausos da plateia.

Na saída, mais e mais pessoas disputavam uma foto instantânea com Rogo, a um custo aceitável, que dava uma renda compatível ao número de ingressos, sem a comissão que Rodolfo costumava oferecer a cada dia de espetáculo, às autoridades da cidade. Depois de duas horas de fotos, Rogo se fechava em sua carroça e quem via dizia que mais triste que cansado. Sem descuidar um único dia, Rodolfo colocava por baixo da porta o cachê e um bilhete com uma frase motivacional ou com frases de filósofos, escritores, poetas. A grande poeta Abília Flores costumava dizer e uma vez escreveu: *não conto meus passos a partir dos meus passos. Conto-os quando há diante*

de mim pessoas que me ajudam a caminhar. Um passo é o primeiro traço que a mim me levará.

Rogo parecia cansado daquela situação. Pedia ao chefe para não enviar mais sua foto a qualquer chamado do mundo. Não queria fazer filmes ou novelas. A vida no circo bastava. Queria ser, apenas, o pipoqueiro. Rodolfo dizia nada poder fazer, sob pena de não se perdoar, impedindo o sucesso de quem merecia as glórias mundanas. Não se demorava com as citações de Rodolfo. Em geral, não conseguia entendê-las. Em especial, essa, de Abília Flores. Mais de uma vez escutou algo como abelha nas flores. De que consistia o pensamento de Rogo? De ploc-ploc-ploc-ploc dos grãos de milho explodindo sob o intenso calor na panela e nada mais. De que sons do mundo seu ser parecia fiel e cativo? Dos ploc-ploc-ploc-ploc que saltitavam da panela quente. Dos ploc-ploc-ploc-ploc que significavam um aroma qualquer de um tempo em que a história era sem fim. Não tinha assunto para qualquer que fosse o assunto ou tema. Não se envolvia nas conversas durante as refeições, nem nos pequenos diálogos durante o dia em meio ao trabalho, ensaios, apresentações. Seguia à risca cada etapa ou tarefa de trabalho do dia, sem conseguir fazê-la com êxito ou por completo. À tarde, cuidava da limpeza geral e arrumação do carrinho de pipoca até quase próximo de, hora e meia antes do espetáculo, colocar-se perto da bilheteria, na passagem de entrada, à espera do público. E, mesmo com a fama projetada, era uma longa espera, porque um ou outro chegava tão cedo. Tudo acontecia a quinze minutos de começar, quando parecia não mais aparecer nenhuma alma. De repente, como se houvessem combinado para o mesmo instante, surgiam duas ou três dúzias de crianças, adolescentes, mães e alguns pais. Rogo sorria, ligava o fogo, milho na panela, tocava a sineta. Essa era a vida que queria, a melhor vida que poderia ter.

Na manhã que sumiu do circo, Rodolfo chegou a acreditar que a ideia de sucesso, ausentar-se do cotidiano circense, parecera demais para ele. Não se sentiu culpado, ao contrário: ria-se de alguém ser suficientemente credo de acreditar que a anedota fosse verdadeira e, em lugar de experimentá-la, aderir à personagem, fugir, como se pudesse suspender o cotidiano, fosse cotidiano verdadeiro ou idealizado. Todos nós somos personagens, repetia. Achava que era difícil sair do papel, por isso todos tinham uma segunda atividade. A dele era varrer o picadeiro, costurar a lona,

lavar os pratos, contar o dinheiro, pagar as contas que fossem possíveis, presentear as autoridades locais.

Alguém perguntou para quem Rogo enviava cartas e todo o dinheiro – não chegava a um salário mínimo. Rodolfo parecia saber de algo, pulava o assunto toda vez que voltava ou insistia, mas não trazia à mesa. Rogo está ausente, não sumido, nem fugido, comentava. Na hora certa, voltará. Em algum lugar de sua obra, mais uma vez Rodolfo diante de seu público cativo, os integrantes do circo, o grande Goethe, o poeta que acordou Freud, meus amigos, Sigmund Freud, de seu sono dogmático no formol e nas métricas de crânios e o arrastou ao riso que atropela o esquecimento, o grande Goethe talvez tenha dito: deixamos aqui o que podemos deixar em algum lugar de onde viemos e para onde voltamos sem cessar.

Rogo não voltou naquela tarde para as duas sessões de sábado. Rodolfo não externava anseio. Um dia ou dois de atraso é comum a astros e celebridades. Alguns são sábios e desaparecem de vez por não suportarem a voz de um destino interno que lhes manda seguir pensando em si e no que fazem como o único método a aceitar em vida. Havia uma poeta, Cecília, que parecia responder, assim, às resistências nem sempre chistosas da vida: *porque uns expiram sobre cruces, outros, buscando-se no espelho*. Mas há quem se atropela em atos e palavras e se ria ao saber que cada lapso é um passo.

Recebido em 19/03/2013
Aprovado em 13/04/2013

ⁱ **ANDRÉ RESENDE** é escritor. Seu trabalho se soma em literatura, ensaio e teatro. Seus livros são: Amor Vário (romance), Quem disse sim (poesia), Birdboy (romance infantil), Quem sou eu (infantil), Uma coisa de cada vez (contos), Zômis (ensaio de psicanálise), Mundo Enquadrado (ensaio de cultura), Maçã Caramelada (teatro). Também atua como psicanalista. É membro da Intersecção Psicanalítica do Brasil.